

A PERCEPÇÃO DAS JOVENS RURAIS SOBRE AS MULHERES DO CAMPO

Vilson Schenato¹

Luana de Oliveira Antonello²

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o entendimento das jovens rurais estudantes da Colégio Estadual do Campo Ana Schelbauer Braz de Oliveira sobre as mulheres do campo. Assim como os objetivos específicos consistem em identificar as representações sociais sobre gênero no meio rural de jovens de uma escola do campo, analisar o protagonismo das mulheres e das jovens do campo e contribuir para o entendimento das representações/percepções das jovens rurais em relação aos limites e potencialidades enquanto futuras mulheres do campo. Foi utilizada a metodologia qualitativa com levantamento bibliográfico, entrevistas através de vídeos, questionários, produções textuais com as jovens e entrevista estruturada com o corpo docente da escola. Desta forma, foi reafirmada a importância da promoção do debate sobre gênero uma vez que as jovens estão inseridas num contexto de desigualdade de gênero. Não obstante, a questão do trabalho da mulher entendido como "ajuda" persiste na discussão tanto das jovens quanto de alguns docentes. A escola é *sine qua non* para ampliar outros olhares ou fixar limitações para as jovens, uma vez que esta é a segunda referência das jovens depois da família.

Palavras-Chave: Jovens. Educação. Mulheres do Campo.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa compreender o entendimento das jovens da comunidade do campo sobre a mulher e seus reflexos no comportamento social e político, evidenciando o protagonismo das mulheres do campo. A questão de gênero pode gerar planejamento ou expectativa sobre o futuro, sendo determinante para ocupar certos papéis sociais.

O lugar de nascimento influencia significativamente o desenvolvimento do protagonismo social, uma vez que neste estão envolvidas ações de dominação a partir o gênero, como é no sistema patriarcal onde a subordinação da mulher, ou da jovem, ocorre pela supervalorização do homem na ocupação de atividades consideradas destinadas apenas para ele. Neste sentido, o homem acaba tendo privilégios e autoridade sobre o corpo e vida das mulheres.

Em diversas sociedades ocidentais, a figura do homem é vista como forte, enquanto

¹ Prof. Dr. Vilson Schenato, professor efetivo no Instituto Federal de Santa Catarina.

² Acadêmica do curso de pós-graduação em Educação e Diversidade do Instituto Federal de Santa Catarina

a mulher é associada à fragilidade. Contudo, atualmente essa representação tem sido debatida nos meios de comunicação, no espaço escolar e também na academia, gerando um contraponto de opiniões e possibilita o empoderamento das mulheres para questionar a reprodução de discursos patriarcais e posições sexistas. Além disso, tal posicionamento reflete nas relações de trabalho, na representação política e na vida cotidiana.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (9394/96) em seu art. 2º:

a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho

Assim, debates sobre a desigualdade de acesso ao mercado de trabalho, gênero e representatividade devem ser fundamentais no processo educacional, pois colaboram na construção da identidade de cada pessoa em sua singularidade. No campo, a criticidade é fundamental para repensar a divisão do trabalho a partir do gênero, e também a subordinação da mulher que historicamente é incumbida do trabalho reprodutivo com os afazeres da casa e arredores enquanto o homem é responsável pelo trabalho produtivo e o sustento³.

O presente trabalho visa contribuir na percepção das jovens sobre o protagonismo da mulher, questões de gênero, trabalho, política e também proporcionar criticidade sobre estas temáticas. O foco da pesquisa são as jovens do Colégio Estadual do Campo Ana Schelbauer situado na fazendinha, zona rural, do município de Rio Negro, Paraná. O tema mais geral deste trabalho envolve a discussão de geração (jovens rurais) e gênero (mulheres rurais), mais especificamente, objetiva-se entender a percepção das jovens rurais sobre as mulheres rurais, tal temática, situa-se no contexto educacional, espaço privilegiado de socialização do saber científico, de conhecimento e desconstrução do senso comum, que lhes permitiria refletir sobre a condição das mulheres rurais, desde que a escola do campo esteja aberta para contemplar tal diversidade.

A partir da experiência profissional da pesquisadora na comunidade se percebeu a

³ O trabalho reprodutivo é mais desvalorizado em nossa sociedade e que envolve o conjunto de práticas exercidas pelas mulheres que vão desde o cuidado com a alimentação, saúde, higiene, educação, relações sociais e afetivas e o cuidado com o espaço do lar e dos bens domésticos. Já o trabalho produtivo é destinado, gerando bens e serviços, reconhecido socialmente e em termos financeiros em nossa sociedade. Existe toda uma luta de movimentos feministas para que o trabalho reprodutivo tenha igual reconhecimento e valorização. Sugerimos a leitura de DAVIS (2016) Mulheres, raça e classe; Hooks (2019) O feminismo é para todo mundo. As autoras problematizam a obsolência do trabalho doméstico e desvalorização da maternagem

baixa autoestima de algumas jovens e também a reprodução de discursos sexistas. ⁴Além disso, a temática sobre a desigualdade de gênero, no primeiro momento, demonstrou ser nova para as discentes. As realidades das jovens do campo, assim como das mulheres do campo, são diversas. Desta forma, é importante verificar como cada uma delas tem visibilidade e oportunidade para questionar as situações que as cercam. Assim, o entendimento das jovens sobre o tema é *sine qua non* para compreender a estrutura social que elas estão inseridas.

Assim, a presente pesquisa demonstra a necessidade em ampliar o entendimento que se tem sobre o papel da mulher na sociedade, mais precisamente busca compreender as relações de gênero no campo e as influências dessas relações no processo educativo em possibilitar mecanismos que possam contribuir para a afirmação do protagonismo da mulher.

Não obstante, a pesquisa é fundamental para interpretar as relações de gênero no campo, sobretudo visibilizar a ascensão do protagonismo da mulher a partir dos discursos no âmbito educacional. Matos (2011, p. 7) analisa a importância de discutir a “exclusão a que as mulheres estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino, a historiografia buscou dar visibilidade às experiências femininas, destacando a opressão histórica sobre elas”.

Embora houvesse a exclusão do protagonismo da mulher em papéis importantes a mesma sempre exerceu participação fundamental na sociedade. No entanto, na agricultura o trabalho da mulher era visto como “ajuda”⁵ ao homem e seu protagonismo ainda é invisibilidade e por vezes silenciado (ALVES, SEEL, CASTRO, 2018). Neste sentido, o presente estudo demonstra a necessidade de compreender as relações de gênero e a importância do protagonismo da mulher na sociedade sobretudo pelas percepções das jovens que serão o futuro da comunidade rural, ou podem também tomar outros

destinos, inclusive se direcionando para a cidade por talvez não reconhecerem o seu lugar social no meio rural e não visualizarem um futuro como mulher rural.

O impacto no fortalecimento da identidade da mulher e seu protagonismo no campo possibilita novos olhares das jovens rurais, e para isso é fundamental a discussão sobre os papéis de gênero e a importância do trabalho da mulher no campo que muitas vezes é visto, até pelas próprias jovens, como “ajuda” nas atividades, até então entendido como papéis masculinos. Tal discurso tem sido debatido nas últimas décadas e as mulheres têm

⁴ Entendemos por discursos sexistas falas e atitudes discriminatórias apoiadas apenas diferença de sexo ou gênero.

⁵ O termo “ajuda” é discutido na obra de Paulilo: Mulheres rurais: quatro décadas de diálogo (2016)

conquistado cada vez mais espaços, inclusive no meio rural, se mobilizando e reivindicando demandas específicas, tais como o PRONAF⁶ – Mulher, e de movimentos sociais do campo, com destaque para o Movimento das Mulheres Camponesas⁷.

No entanto, é necessário verificar se o acúmulo de conhecimentos que empoderam as mulheres rurais são compartilhados nos espaços sociais que as jovens rurais participam, com atenção especial para a forma que é trabalhado (ou não) no espaço escolar. Esta possui um marco simbólico na vida familiar da comunidade, pois muitos estudaram ou tiveram parentes que ocuparam o espaço escolar pesquisado.

Nesta perspectiva, o colégio possui grande relevância na constituição do processo de identidade e conhecimento, assim como discussão sobre questões referentes ao cotidiano e vida da juventude. A pesquisa apresentada pode contribuir significativamente para a transformação da realidade econômica, política e social que ultrapassa as barreiras geográficas, pois discute problemas históricos, mas presentes, na vida das jovens.

Desta forma a pesquisa tem como objetivo geral compreender o entendimento das jovens rurais estudantes da Colégio Estadual do Campo Ana Schelbauer Braz de Oliveira sobre as mulheres do campo. E seus objetivos específicos concentram em identificar as representações sociais sobre gênero no meio rural de jovens de uma escola do campo; analisar o protagonismo das mulheres e das jovens do campo; e contribuir para o entendimento das representações/percepções das jovens rurais em relação aos limites e potencialidades enquanto futuras mulheres do campo.

Neste sentido, qual a percepção que as jovens rurais possuem acerca das mulheres rurais? Em que medida a escola do campo, enquanto instância socializadora, se constitui em espaço de reprodução ou desconstrução de tais representações acerca das mulheres rurais?

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para analisar a percepção das jovens rurais sobre as mulheres do campo é fundamental entender quem são as jovens rurais, sobretudo o conceito sobre juventude e mulher do campo. Segundo Brumer (2007, p. 15, grifo do autor) “[...] existe algum acordo na

⁶ Programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar de “financiamento à mulher agricultora integrante de unidade familiar de produção, independentemente do estado civil”. O mesmo possui linhas de crédito individual e coletivo com participação de até 100% do valor dos itens financiados.

⁷ Organização de mulheres e movimentos mistos do campo de diferentes estados cujo eixo de luta é gênero e classe desencadeando várias reivindicações como direito previdenciário, participação política, entre outras

consideração da faixa etária de 15 a 24 anos, grosso modo, como o período da juventude, e a noção depende tanto da auto-identificação como do reconhecimento de outros”. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE também utiliza esta definição de 15 a 24 anos, embora haja vários especialistas que afirmem que é considerado jovem até os 29 anos, com muitas políticas públicas destinadas para este público mais amplo.

No entanto, pensar a juventude como um conceito único e acabado é um equívoco dentro das múltiplas formas e contextos sociais que a juventude está inserida. Neste sentido, concordamos com Castro:

Juventude é, sem dúvida, mais do que uma palavra. Ao acionar juventude como forma de definir uma população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se autodefinir, estamos, também, acionando formas de classificação que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder (CASTRO, 2012, p. 441).

As relações com os “outros” moldam a forma de refletir e se posicionar no mundo, pois é através das relações sociais que se constrói referências. Segundo Hall (2006, p. 39, grifo do autor) “A identidade surge não tanto pela plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

Neste sentido é importante compreender que o entendimento por juventude, identidade e consequentemente representação social é diverso, pois as pessoas embora sejam singulares, não podem ser estudadas de uma forma única e acabada. Assim, entende-se que para analisar pessoas é primordial compreender seu tempo, espaço e história, não apenas no sentido biológico.

[...] o significado da juventude e do que é ser jovem é relacional a outras categorias e não se restringe a um estágio do ciclo vital ou uma faixa etária. O fundamental, para sua construção como categoria sociológica, é ter presente que se trata de uma representação social que não se reduz a princípios naturais. É antes de tudo um signo da relação que a sociedade estabelece, simultaneamente, com seu passado e seu futuro. Como expressão da vida social, a juventude não pode ser facilmente definida em função de um único aspecto ou característica, apresentando-se como um grande desafio teórico às Ciências Sociais (WEISHEIMER, 2007, p. 23).

A socialização pela família é o primeiro processo constitutivo de identidade, mas através das instituições sociais e grupos essa construção se expande, modificando constantemente. Segundo Rosa (2007, p. 190) “A sociabilidade é entendida como processo dinâmico de relações de interação constitutivas da comunidade, da vida em família e da rede de vizinhança e parentesco, criando uma esfera específica de existência”.

Outro aspecto importante para entender a importância do processo de socialização

está na construção de gênero, pois este é formado pelos aspectos culturais e não apenas físico. Segundo Butler (2003, p.25) “o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem resultado casual do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”.

Nesta perspectiva, entendido a importância da sociedade no processo de construção social, é necessário compreender como acontecem as relações de gênero no campo, uma vez que a pesquisa visa estudar a percepção das jovens rurais sobre as mulheres na zona rural. Além disso, é importante compreender a singularidade da proposta em estudar as jovens da região da Fazendinha e entorno a partir do contexto escolar.

De acordo com a Lei Municipal n. 2785/2017 do município de Rio Negro - PR e o Decreto Municipal n. 057/2004, a Fazendinha é o distrito II, com uma área rural total de 25,55km². Segundo Atlas de Desenvolvimento Humano (2020), o município possui uma população de 25.710 pessoas na área urbana e 5.564 pessoas na área rural, sendo o total de 49,79 % composta por homens e 50,21% por mulheres.

Para compreender as relações de gênero é importante entender o conceito de mulher, a partir disso, saber que conceituar o que são as mulheres rurais não é o objetivo desse projeto, pois segundo Paulilo:

[...] pode-se afirmar, com segurança, que a "mulher" em abstrato não existe, nem mesmo para fins de estudo. Toda mulher está inserida em uma realidade socioeconômica e cultural que, por ser heterogênea e conflitante, não permite que o problema "mulher" seja um problema único dependendo de uma solução que possa ser benéfica para toda a população feminina. Em um mundo de interesses antagônicos, sempre haverá ganhadores e perdedores, e isso é verdadeiro para homens e mulheres. Assim, o problema das mulheres não é um problema só delas, mas sim das mulheres, dos homens e de toda a sociedade (PAULILO, 2016, p. 53).

Compreender a realidade da mulher do campo é uma possibilidade para verificar as construções que as jovens têm da sua própria realidade. Fatores como a relação de trabalho, família, educação, amizades podem influenciar significativamente a percepção das jovens de si mesmas e do mundo que as cerca.

Assim, a identidade é associada com aspectos envolvidos da socialização, mas também podem ser impostas indiretamente ou diretamente. Bauman em sua obra Identidade descreve esse processo sob diferentes olhares, sendo um deles uma possível crise entre “dever” e o ser. Neste sentido, algumas pessoas podem esperar da juventude uma posição sobre seu futuro, isso não é diferente em relação às jovens, contudo a projeção pode ser diferente entre os gêneros.

Segundo Scott (2010, p. 16) “Gênero e Geração são termos relacionais que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relações de poder

entre pessoas de sexos e idades diferentes”. E são estas relações de poder que podem colaborar para a construção da percepção das jovens rurais acerca do protagonismo da mulher no campo. Desta forma, é inviável discutir a temática proposta sem pensar as relações de gênero existentes no campo.

Mesmo que legalmente homens e mulheres tenham os mesmos direitos não é possível afirmar que essa igualdade de direitos é exteriorizada no campo. Paulilo (2016, p.190) discorre sobre a desigualdade de gênero na herança onde na maioria das vezes a divisão da herança não é a mesma entre filhos e filhas. Além disso, a divisão do trabalho no qual a autora identifica que as mesmas atividades exercidas pelas mulheres são vistas como “ajuda” e não como essencial (PAULILO, 2016, p. 115).

Uma vez que a jovem verifica a ausência de reconhecimento acerca do seu trabalho e de outras mulheres, a vontade de permanecer no campo tende a ser menor. Além disso, muitas delas são encorajadas pelos próprios familiares a estudar e sair do campo, pois para alguns, o trabalho neste segmento é pesado demais, e outras não herdam a terra que é repassada aos filhos homens. Autora ressalta que as mulheres que ficam no campo são identificadas como filha de agricultor ou esposa de agricultor (PAULILO, 2016).

Diante desse cenário, muitas vezes de exclusão social e expulsão das mulheres para cidade, é importante verificar o protagonismo da escola para quebrar ou reforçar tais estereótipos, sobretudo entender o impacto desta na vida da comunidade e das jovens rurais. As crianças ao chegarem na escola trazem os conhecimentos acerca de mundo a partir dos olhares reproduzidos em outros espaços sociais, inclusive de suas casas.

De acordo com Saviani (1999, p. 31), a escola é suscetível a reproduzir as desigualdades sociais, como também pode ser um instrumento de luta e mudança social. Para Bourdieu (2014, p. 121) “a escola, mesmo quando já liberta da tutela da igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal”. Neste sentido, ambos os autores afirmam a importância da escola na construção do indivíduo enquanto ser social.

Conforme discorrido acima, quem são as jovens rurais, o processo de socialização que as envolve, concepções de mulher do campo, questão de gênero e a escola são eixos fundamentais de estudos que envolvem o tema da percepção das jovens rurais sobre as mulheres rurais. Concorda-se com Madeira que a:

Percepção significa, portanto, o movimento de um sujeito situado, na relação com o concreto em construção. As diferenças decorrem do processo histórico de estruturação do homem e do concreto, do momento e do espaço em que a racionalidade se toma ato, dir-se-ia, "atualiza-se" (MADEIRA, 1991, p. 133).

Além disso, a percepção está relacionada diretamente a representação de si, dos outros e da sociedade. Segundo Pollak (1992, p. 204) existe o eu para eu mesma, o eu para os outros é a forma como eu me represento. Em sùmula, não se pode concordar com todas as representações sobre a mulher, mas existe uma tendência a se conter em apresentar o papel que a sociedade espera da mesma.

Desta forma, o empoderamento das mulheres para mudar e entender a percepção de si vai ao encontro do quanto ela é estimulada para pensar sua realidade. Segundo a ONU Mulheres o empoderamento é:

Dar ou adquirir poder ou mais poder. O empoderamento significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências (ou ter as suas próprias competências e conhecimentos reconhecidos), resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento. É, simultaneamente, um processo e um resultado. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são desprivilegiados socialmente (ONU, 2016, p. 25).

Nesta perspectiva, estudar a percepção das jovens rurais sobre as mulheres do campo pode proporcionar empoderamento, novas possibilidades e visões sobre a própria realidade. Não obstante, o empoderamento da mulher do campo a partir do aumento de políticas públicas ⁸voltadas para esse segmento como acesso ao crédito, tecnologia, valorização do trabalho reprodutivo e reconhecimento e visibilidade do seu trabalho produtivo desenvolvido no meio rural, entre outros é fundamental para o desenvolvimento econômico e social. Assim, trabalhar tal temática no âmbito escolar além de colaborar para esse desenvolvimento irá proporcionar às jovens outro segmento a ser visualizado.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa por se entender que as jovens estão imersas à um “universo dos significados” onde são participantes ativas na produção de suas histórias e estão no “universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade” (MINAYO, DESLANDES E GOMES, p. 21, 2009).

A primeira etapa da pesquisa se realizou no caráter exploratório onde, após definido o tema, foi feito um levantamento bibliográfico acerca dos materiais já produzidos sobre a

⁸ Segundo Molina (2012) políticas públicas “traduzem formas de agir do Estado, mediante programas que objetivam dar materialidade aos direitos constitucionais”.

temática. Para este, foram selecionados artigos científicos a partir das palavras chaves: jovens do campo, mulheres do campo, escola rural e mulheres do campo, disponibilizados na plataforma do Google acadêmico e obras conceituadas das escritoras Paulilo e Carneiro e também do sociólogo Bourdieu.

Após a análise das obras bibliográficas foi questionado através de uma pergunta *aberta* através de uma redação aos 49 alunos sobre a percepção deles sobre os jovens do campo, foi apresentada a proposta de pesquisa e coletado contatos telefônicos com as pessoas interessadas em participar. Conseqüentemente foi elaborado um grupo no *whatsapp* com entrevistas virtuais com perguntas *semiestruturadas* através da plataforma do *Google*. Além dos alunos, foi apresentada a proposta de pesquisa ao corpo docente e feita uma entrevista *semiestruturada* através do *whatsapp* com os interessados.

Posteriormente, foram realizadas as entrevistas individuais com alunas, ex alunas e professores com questões semiestruturadas que segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2009, p. 64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Na sequência, a partir das respostas dos questionários e das discussões realizadas, foi feita a entrevista aberta final “em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (MINAYO, DESLANDES E GOMES, p. 65, 2009). Para isto, objetivou-se observar a construção/desconstrução sobre o tema. Entende-se que a entrevista aberta ressalta e possibilita o maior entendimento sobre a percepção de cada uma acerca da sua realidade, de seu contexto histórico, da sua visão de mundo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Perfil socioeconômico das entrevistadas.

Para compreender a realidade e o contexto social das jovens foi pedido a elas que respondessem uma entrevista através do *Google Forms* contendo questões fechadas e abertas. Das 21 participantes do grupo, 11 responderam o questionário com 27 questões relacionadas a vida atual, escola, família, futuro. Sobre o entendimento referente a localidade onde estão inseridas foi unânime o pertencimento na zona rural.

Na questão referente ao nível de escolaridade do pai, 60% alegaram ser ensino

fundamental I (1ª à 4ª série), 10% alegaram ser ensino fundamental II (5ª à 9ª série), 10% ensino médio, 10% ensino superior e 10% não sabiam responder. Porém, para as mães a escolaridade é maior, 27,3% ensino fundamental I (1ª à 4ª série), 36,4% o ensino fundamental II (5ª à 9ª série) e 36,3% cursaram o ensino médio

A participação da figura masculina, podendo ser pai, irmão, avós, entre outros, é de 36,4% na responsabilidade financeira pela casa, e também 36,4% relata que ambos os pais são responsáveis pela renda, 18,2% aponta somente uma figura masculina e 9% não souberem responder.

Mesmo as mulheres estudando mais, ainda tem menor participação de renda na família, contudo é importante verificar se as mesmas estão trabalhando fora ou se contribuem com o trabalho doméstico e nas próprias plantações que muitas vezes não é valorizado.

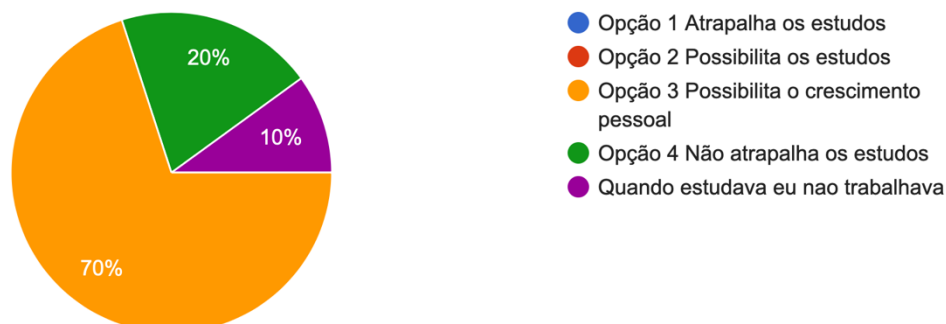
Não obstante, quando questionado sobre quem tomaria as decisões pela comunidade 90,9% alegam ser os dois e 9,1% as mulheres. Apesar disso, quando perguntado sobre quais os direitos que as mulheres precisam conquistar, foi relatado “Cargos políticos, pois mesmo com o avanço da sociedade existe essa Desigualdade” (J.E., 15 anos); “Ser respeitada em qualquer lugar que vá” (D.E., 17 anos); “Usar a roupa que quer onde ela quiser. Poder dirigir, ir em festa e etc. sem ser julgada” (M.A., 15 anos); “Conquistar o direito de ir e vir sem o medo/receio de sofrer alguma violência” (C.E., 15 anos); “Igualdade” (G.Y., 17 anos); “As mulheres precisam ainda conquistar igualdade salarial, as tarefas domésticas devem ser divididas igualmente, colocar um fim em assédios com a aplicação correta da Lei Maria da Penha e impor respeito” (R.A., 15 anos).

Nesta perspectiva, embora relatem haver uma participação ampla de ambos os gêneros sobre as decisões da comunidade, as mesmas expõem diversas mudanças que precisam acontecer, desde o respeito, participação política, igualdade, combate a violência, entre outros.

Das 11 jovens que responderam o questionário, 10 trabalham ou já trabalharam na zona urbana enquanto apenas 1 não, as mesmas compreendem que o trabalho é considerado aquele realizado fora da propriedade rural e que há remuneração por este. Questionadas sobre a periodicidade do trabalho 50% responderam trabalhar 6 horas ou mais, enquanto 30% responderam de 4 a 6, 10% de 2 a 4 horas e 10% afirmaram não trabalhar. Além disso, conforme o gráfico abaixo ilustra, a maioria delas avaliaram que o trabalho possibilita crescimento pessoal:

13. Como você avalia ter que estudar e trabalhar durante seus estudos?

10 respostas



Não obstante, o trabalho para as jovens foi apontado também como importante para ajudar nas despesas da casa, adquirir experiência e possibilitar o pagamento dos estudos. Ainda neste sentido 9 delas optaram por fazer o ensino médio no colégio pesquisado pela proximidade do local onde residem, 1 porque os pais decidiram por ela e 1 por acreditar na educação de qualidade. Entre elas, 5 participam de algum grupo religioso enquanto 6 afirmam não participar de nenhum grupo social sendo a escola o principal ponto de encontro dos jovens.

Para pensar os limites e potencialidades das mulheres do campo foi perguntado a elas sobre o interesse em fazer um curso superior, dentre elas 10 gostariam de fazer algum curso para trabalhar fora da comunidade rural enquanto apenas 1 gostaria de cursar algum curso relacionado com a temática rural. No entanto, 10 afirmam conhecer alguma mulher que seja proprietária de terra e que trabalhe nela e apenas 1 afirma desconhecer.

Embora 6 delas não descartem a ideia de permanecer no campo e 4 queiram sair e 1 deseja permanecer. Desta forma, talvez o desejo de cursar algum curso superior relacionado a outra temática que não seja rural, não significa que conseqüentemente as jovens queiram sair, mas que talvez as referências de vida estejam fora do campo. Neste sentido, questionar qual a influência do protagonismo das mulheres do campo e das proprietárias de terras no modelo de vida adulta desejada pode possibilitar compreender o desejo de permanecer ou não no meio rural.

A respeito dos sonhos, projetos futuros e projeção para 10 anos, 5 almejam estar primeiramente formadas em seus respectivos cursos superiores, 2 relataram quererem ter

um bom emprego, 3 casa própria, esta sendo no campo ou no meio urbano, e bens e 1 bem sucedida⁹. Estes desejos podem ser influenciados pela família, uma vez que das 11 pelo menos 7 relataram ter algum membro familiar que tenha cursado graduação.

As potencialidades futuras na permanência no campo para as jovens são incertas. Algumas não sabem se querem ficar ou não, porém percebe-se que entre elas, apenas uma que relata querer ficar no campo tem a mãe agricultora como referência de profissional e pessoal. Talvez a percepção das jovens sobre as mulheres do campo pode influenciar na expectativa entre ficar ou sair.

4.2 Entrevista individual

Após aplicação do questionário com perguntas gerais, acredita-se que fosse necessário compreender o entendimento das jovens sobre as mulheres do campo em sua individualidade. Das 11 jovens entrevistadas anteriormente, conseguiu-se agendar entrevistas com 8 jovens, destas 5 foram possíveis através de vídeo, 2 tiveram problemas de conexão, e para elas foram enviadas as perguntas pelo *whatsapp* e uma outra desistiu.

Foram elaboradas perguntas abertas objetivando dar mais espaço para respostas e abertura para outras perguntas, foram centralizadas as questões com quem mora com a jovem, qual o trabalho dos pais, qual curso superior ela deseja realizar, qual mulher conhecida trabalha na terra, quais os direitos que as mulheres precisam conquistar e rever qual é a pessoa de referência, quais as dificuldades das jovens do campo, quais as dificuldades da mulher e da jovem do campo.

Para a G.E. (17 anos) a principal referência é a mãe, uma mulher do campo que enfrenta os desafios de trabalhar fora por não ter terra para plantar. Além disso, é a única responsável pela educação e cuidados com as filhas e exerce uma influência muito forte em ser mulher “guerreira”. A G.E. pretende estudar fora e relata ter tido encorajamento dos professores para continuar os estudos. Atualmente ela trabalha numa creche e a percepção dela sobre as mulheres do campo é que “sofre desvantagem, que os direitos não são iguais” e exemplifica que se a “a mulher quiser cursar mecânica” vai sofrer preconceito desde o ingresso do curso até no mercado de trabalho.

A J.E. (15 anos) embora reconheça o protagonismo da mulher do campo através das tias que são proprietárias de terras, a mesma sente falta de representatividade na política.

⁹ A mesma não discorreu sobre o modelo que ela entende sobre sucesso.

Quando questionada se ela não se interessaria em participar da política local a mesma respondeu "vou deixar para o Nathan" este sendo um colega de classe. Neste sentido, segundo Bourdieu (2004), percebe-se que a representação social sobre gênero está nos discursos "simbólicos como instrumentos de dominação". Para ela, uma das principais dificuldades das mulheres do campo é ser imposta a permanência em casa, segundo ela "tem mulher que acha que tem que ficar em casa".

Embora tenha pais agricultores a R.A. (15 anos) relata querer sair do campo, para ela uma das dificuldades em ser jovem do campo é o acesso à tecnologia, itens básicos para elaboração de trabalho escolar, como cartolina. Segundo ela a forma como é vista as mulheres não é a mesma como é visto os homens, segundo ela "mulher não pode ficar com outras pessoas", e este "ficar" está relacionado às relações amorosas nas quais as jovens frequentemente são julgadas e os jovens não. Ela percebe a vida do campo como sendo algo muito difícil, por isto, deseja fazer faculdade de psicologia para "ajudar as pessoas".

Quando perguntado a C.E. (15 anos) se ela conhecia alguma mulher que trabalha na terra, rapidamente ela respondeu a mãe. Segundo ela a mãe trabalha muito na plantação de milho, feijão e soja e também cuida de todas as tarefas de casa. Ela não vê potencialidades no campo devido à falta de políticas públicas para o campo, nas palavras dela "a prefeitura esquece do povo do interior, já ficamos uma semana sem luz, além de não termos água encanada, quando chove a água do poço fica suja". Questionada se as mulheres têm os mesmos direitos do que os homens a D.E. (17 anos) respondeu a partir da sua vivência

a diferença começa na família...eu não tive as mesmas oportunidades que meu irmão que foi estudar fora e saiu de casa. Eu fiquei com o trabalho de cuidar dos meus irmãos (14, 10 e 3 anos)... minha mãe queria fazer faculdade mas não foi incentivada por ser mulher (D.E. 17 anos).

A mãe da jovem em questão casou cedo e atualmente divide seu tempo no cuidado da casa, família e trabalho na zona urbana como diarista. A D.E. percebe que a mãe como mulher do campo teve uma infância/juventude repleta de privações e imposições e repassou a ela algumas das mesmas. Muitas vezes a questão do cuidado é imposto para a mulher como obrigatório e isso já é repassado desde cedo.

São as mães que se preocupam com o material escolar, com o transporte das crianças e adolescentes da propriedade até a escola e com os uniformes. São elas, também, que se preocupam com a saúde porque cuidam das crianças, idosos e doentes (PAULILO, 2016, p. 362).

Segundo a N.Y. (17 anos) existem poucas mulheres que trabalham na terra "aqui onde eu moro, é bem difícil uma mulher que trabalha na terra, elas são mais caseiras sabe,

mas tem a cunhada do primo do meu pai que trabalha com agricultura" ao mesmo tempo ela demonstra indignação quando falam que a mulher é o sexo frágil e não suportaria trabalhar em serviço pesado, nas palavras dela "mulher tem direito de ganhar a mesma porcentagem de pagamento que os homens, tem muitas mulheres que trabalham em serviços pesados e ganham pouco só pelo fato de ser mulher, e isso deveria mudar".

A falta de acesso à terra pode influenciar significativamente a permanência ou não da mulher do campo, além do trabalho artesanal de requeijão e queijo, além de prestação de serviços, podem ser vistos como fáceis.

A dificuldade é a questão de conseguir um trabalho, então muitas se tornam donas de casa por não ter muito recurso né, mas tem a maioria que acaba optando por conseguir dinheiro da maneira mais fácil, como por exemplo tem umas que trabalha como manicure, ganha dinheiro sem sair de casa, outras já fazem queijo, requeijão coisinhas do tipo pra poderem levantar um dinheiro pra se manter (N.Y., 17 anos).

No entanto a M.A. (15 anos), cujos pais são agricultores, relata ter vontade de fazer agronomia para trabalhar na terra dos pais e tem a mãe como principal referência, pois segundo ela a mãe "trabalhou sozinha na lavoura durante 11 anos até meu pai sair da firma que ele trabalhava...meu pai ficava meses fora por causa do trabalho e ela sempre deu conta da casa, de nós e ainda da lavoura".

Quando perguntado sobre os limites e potencialidades do jovem do campo a mesma relatou que existem várias dificuldades:

mais uma que prejudica muitos é a questão de ter de começar a trabalhar muito cedo e muitos ai acabam desistindo de estudar. Muitos assim como eu ajudam os pais na lavoura, a maioria das famílias daqui são plantadores de tabaco, e isso toma bastante tempo e é serviço bem cansativo, nem todos conseguem fazer as duas coisas ao mesmo tempo (M.A., 15 anos).

Os posicionamentos nas entrevistas individuais demonstraram alguns indícios sobre o entendimento das jovens rurais sobre as mulheres do campo, sobretudo nas inúmeras dificuldades para a sua permanência no campo. Além disso, nessa etapa da pesquisa 4 jovens apontaram a figura feminina como referência de vida, 2 relataram a figura masculina e 1 não soube opinar. As mesmas têm a mãe como figura de representatividade, mas não demonstraram, com exceção da M.A, potencialidades em ser uma mulher do campo.

Percebe-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres em permanecer no campo são a falta de trabalho e a precariedade da educação. Muitas mulheres saem, ainda adolescentes, do campo em busca de emprego e condições de ter sua própria renda, de estudar e, até mesmo, de conseguir dar continuidade aos estudos (ALVES; SELL; CASTRO, 2018, p. 7).

Neste sentido, entende-se que as percepções das jovens sobre as mulheres do campo são diversas e contribuem significativamente para o anseio em permanecer ou sair do

campo. O acesso à terra, educação de qualidade geram condições de permanência no campo, sobretudo modificam o olhar das jovens sobre as mulheres do campo, uma vez que estas outras escolham que não a migração para a zona urbana.

4.3 Relato em andamento sobre a percepção das jovens sobre as mulheres do campo.

Nesta última etapa 7 jovens escreveram sobre suas percepções sobre as mulheres do campo, um dos objetivos centrais desse estudo, que se entende não estará acabada, mas em construção.

A potencialidade das mulheres do campo na busca de uma formação sólida está presente na análise das jovens. No entanto, elas não veem sua contribuição como algo sólido e também como proprietárias de terras, pois para elas seus trabalhos são considerados como “ajuda” e a propriedade de terra da família pertence a outros.

Tal fato fica evidente na fala da F.A. (15 anos): “Ser mulher rural para mim hoje em dia podemos estudar e se formar em administração e gestões financeiras para *ajudar* nossos familiares que lidam no campo e na lavoura a administrar os *seus negócios*”.

A mesma jovem relata o trabalho no campo desde “antigamente [as mulheres] já ajudam na lavoura nas plantações e a cuidar dos animais”. Essa percepção de si e das mulheres enquanto ajudantes na lavoura, renda da casa com a produção de queijos, entre outro, é fruto na construção histórica de opressão e diminuição do trabalho feminino enquanto fundamental para o sustento da casa.

A M.E. (15 anos) embora valorize a luta das mulheres do campo, também aponta o trabalho realizado por elas como “ajuda”, segundo a jovem “ser mulher do interior é ser guerreira, lutar para ter as coisas, enfrentar dificuldades nos dias de chuva, é ter que levantar cedo e ir para roça, é plantar seu sustento para ajudar nas despesas de casa, é trabalhar como homem”.

Neste sentido o “trabalhar como homem” indica trabalhar igual ao homem no espaço masculino que é a lavoura. No entanto elas têm que dar conta concomitantemente com a jornada doméstica, trabalhando muito mais, e este processo se inicia na criação onde as meninas recebem as atribuições domésticas e os meninos a preparação para herdar a terra.

Não obstante, o trabalho com o cuidado da casa é desvalorizado e o trabalho externo é visto como “ajuda”, pois segundo Weisheimer:

O não reconhecimento do seu trabalho se deve ao fato de a sua socialização ser dirigida para realização do trabalho doméstico. Dessa forma percebem sua participação no trabalho agrícola como complementar e subordinado ao trabalho masculino, o que reforça a desvalorização da força de trabalho feminina no contexto de relações sociais de gênero, que se caracteriza por uma distribuição desigual de poder e oportunidades, neste caso, no interior da família (WEISHEIMER, 2007, p. 243).

Ao mesmo tempo as jovens relatam orgulho, potencialidades na mulher do campo e superação. Para a M.E. (33 anos)¹⁰ "várias coisas são produzidas pelas mulheres rurais. Ser mulher rural é fantástico, é tudo de bom, é viver o que ama tudo feito com muito carinho. Orgulho de ser mulher rural".

Algumas apontam indícios de consciência do trabalho dobrado que as mulheres do campo realizam. A J.E. (15 anos) diz "mulher do campo vai sim para roça, não é só fazer comida pros peões, mulher também trabalha, se esforça e aos poucos está conseguindo seu lugar na sociedade".

Além das dificuldades do campo, como o tempo e acesso a recursos básicos, as mulheres do campo ainda sofrem preconceito conforme a C.E (15 anos) "ser mulher rural é, muitas vezes, chegar a algum lugar e se sentir mal por ser a única a não ter unhas feitas e mãos macias, mas também é se orgulhar por se sustentar com dinheiro limpo". A jovem aponta as diferenças das mulheres rurais com as mulheres da zona urbana, e ao mesmo tempo relata o trabalho diverso exercido por elas "exerce exatamente as mesmas funções que os homens e ainda cuidam de suas casas".

A consciência sobre ser mulher do campo imbricada com todos os limites e potencialidades envolvidos e mesmo assim considerar em permanecer no campo, ao mesmo tempo é visto como ato de bravura, nas palavras da K.N. (18 anos) "é não ter todas as oportunidades que poderia, ou ter e escolher ficar". Não obstante a R.A. (15 anos) relata que em meio de preconceitos e lutas diárias existe a falta de reconhecimento do trabalho realizado pelas mulheres, sobretudo legalmente: "na maioria dos casos as mulheres não são reconhecidas como produtoras ou donas das propriedades visto que os terrenos estão no nome dos maridos"

A afirmação da jovem vai ao encontro dos estudos produzidos por Paulilo "são principalmente os filhos homens que herdaram a terra, enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento" (PAULILO, 2016, p. 254). Entende-se que esta problemática contribui para a não visualização de um futuro no campo, conseqüentemente para a evasão

¹⁰ Apesar de ser adulta consideramos o relato da M.E., pois a mesma estuda e convive com os jovens simultaneamente

masculinização no campo, processo este constatado em pesquisas feitas por Camarano e Abramovay, 1999; Anjos e Caldas, 2005; Anjos, Caldas e Pollnow, 2014.

As jovens pesquisadas têm a escola como o principal ambiente para socialização e promoção de narrativas e visões de mundos diferentes, ou não, do espaço familiar. A escola responsável pelo fomento do conhecimento pode ter impactos significativos para debater questões sobre gênero, potencialidades e limites a serem transpostos referentes às mulheres do campo.

Dos 18 professores do Colégio Estadual do Campo Ana Schelbauer Braz de Oliveira, apenas 8 responderam perguntas acerca de sua origem, percepção sobre juventude rural, entendimento sobre as mulheres rurais e se trabalham questões de gênero na sua disciplina, destes, 5 afirmaram que sim e 3 alegaram que não. Dos 8, 6 associaram os jovens rurais como sem perspectivas e 2 apontaram o desejo dos jovens em permanecer no campo.

Sobre o entendimento referente às mulheres do campo o professor W. respondeu "mulheres sem objetivos em sua vida, sendo eles profissionais ou pessoais. A professor C. disse "tem menos cultura, mais são sábias em sua vivência". O professor M. "trabalham bastante e não tem a preocupação como as urbanas". Tais discursos refletem na construção das jovens sobre as potencialidades das mulheres do campo limitando e restringindo a mulher na esfera doméstica.

A importância de se trabalhar a questão de gênero no espaço escolar vai ao encontro das diretrizes do Plano Nacional da Educação referente a LEI N° 13.005/2014 que ressalta no artigo 2 a "superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação". A partir da problematização das desigualdades de gênero as percepções sobre as mulheres tendem a ocupar posições de debates e empoderamento.

Além disso, é fundamental trabalhar a questão de gênero para combater a discriminação enfrentada pelas jovens e proporcionar perspectivas de futuro. O currículo e o método devem ser de acordo com a realidade e interesse dos alunos, conforme a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (9394/96) em seu:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Refletir sobre o currículo trabalhado na escola pesquisada é um outro tema importante

a ser estudado e possivelmente possui impacto na percepção das jovens rurais sobre as mulheres do campo. Uma vez que o currículo é trabalhado de forma a contemplar as “necessidades e interesse” as percepções deles referente ao presente e ao futuro poderão ser de empoderamento.

Não obstante, a formação do docente é fundamental para contemplar o objetivo de atender essas necessidades, pois este compreenderá que não existe “menos cultura”, mas sim culturas e valores diversificados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a percepção das jovens rurais referente as mulheres do campo não têm a pretensão de finalizar a discussão sobre o tema, mas sim fomentar ainda mais o debate, uma vez que o tema é amplo e requer diferentes abordagens e estudos. Não obstante, compreender o entendimento das jovens sobre as mulheres do campo ampliou a importância do debate em diferentes espaços, sobretudo no âmbito escolar.

Não obstante, a construção das percepções sobre o mundo, identidade, sociedade e futuro, entre outros, se inicia nas relações familiares. Posteriormente se estende, reconstrói, reafirma, modifica na escola e na sociedade através do processo de socialização. Além disso, as possibilidades e limitações construídas pela sociedade fornecem mecanismos para se identificar ou não, como mulher do campo.

Entre elas, está a inserção no mercado de trabalho, ou ainda, políticas públicas que fomentem a projeção de um futuro no campo, uma vez sem recursos para a ficar na zona rural a juventude tem na evasão a única saída para sobrevivência. Dentre as políticas públicas, ressaltam-se a importância do acesso à terra e ao crédito, pois muitas das jovens pesquisadas não têm nem terra e nem crédito para aquisição e manutenção dela.

Além disso, percebeu-se que muitas embora se identifiquem como juventude rural e suas referências sejam a figura materna ainda assimilam o protagonismo das mulheres do campo como "ajuda" nos trabalhos relacionados a terra, panificação,

horta e criação de animais. Neste sentido, a compreensão das jovens rurais sobre as mulheres do campo apresenta um imaginário limitado, e a escola poderia proporcionar a ampliação desse olhar, mas no momento reproduz as desigualdades de gênero.

Posteriormente, como futura evolução da pesquisa, sugere-se um projeto de intervenção na comunidade escolar com o corpo administrativo, docentes e familiares dos jovens para

ampliar o diálogo sobre gênero, importância das mulheres rurais, limites e potencialidades enquanto futuras mulheres do campo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

ALVES, Giovana Sitó; SELL, Léia Beatriz; CASTRO, Amanda Motta. EDUCAÇÃO E TRABALHO DA MULHER NO CAMPO E SUAS INVISIBILIDADES. **Revista Digital do Instituto Latino-americano de Arte, Cultura e História**, Universidade Federal da Integração Latino-americana-unila, v. 11, p.1-10, 2018. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/909>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a benedetto vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Carlos Alberto Medeiros.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução de Renato Aguiar.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BOURDIEU, Pierre. A Identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região: Dominação simbólica e lutas regionais. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Cap. 5. p. 107-208. Tradução de Fernando Tomaz.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014. Tradução de Maria Helena Kuhner.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-52.

CARNEIRO, Maria José. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.11-22, 02 jun. 1994. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/21/23>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do campo. In: CALDART, Roseli Salette *et al* (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 439-444. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

ESPORTE, Secretaria da Educação e do. **Consulta escolas**. Disponível em: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/java/pages/paginas/ensinoEscola/consultasEnsino.jsf?windowId=812>. Acesso em: 15 out.

2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2006. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro.

HUMANO, Atlas do Desenvolvimento. Consulta. 2020. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>. Acesso em: 17 set. 2020.

MADEIRA, Margot Campos. Representações Sociais: pressupostos e implicações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, p. 129-144, maio/ago. 1991.
MATOS, Maria Izilda Santos de. HISTÓRIA DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva. **Mandrágora**, São Paulo, v. 9, n. 19, p.5-15, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/index>. Acesso em: 28 fev. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLINA, Mônica Castagna. Juventude do campo. In: CALDART, Roseli Salette *et al* (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 585-594. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

MOVIMENTO de Mulheres Camponesas. Disponível em: <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>. Acesso em: 06 maio 2020.

NUNES LEITE ROSAS, Eduardo. Do campo para a cidade: saindo para ficar. In: CARNEIRO, Maria Jose; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 183-196.

ONU Mulheres Brasil. **PRINCÍPIOS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES**. 2016. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf. Acesso em: 21 maio 2020.

PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres rurais: quatro décadas de diálogos**. Quatro décadas de diálogos. Florianópolis: Ufsc, 2016. 383 p.

PAULILO, Maria Ignez; SILVA, Cristiani Bereta da. Memórias de Luci Choinaski: histórias e lutas pelos direitos das mulheres camponesas. In: CORDEIRO, Rosineide *et al* (org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p. 37-62. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc. Acesso em: 01 mar. 2020.

PLANO Nacional de Educação. 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 21 jan. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 07 maio 2020.

PRONAF Mulher. 2020. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf-mulher>. Acesso em: 06 maio 2020

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999. 5 v. Disponível em: <<https://petpedufba.files.wordpress.com/2016/02/savianidermeval-escolaedemocracia.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SCOTT, Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. In: CORDEIRO, Rosineide et al (org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p. 15-33. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc. Acesso em: 01 mar. 2020.

WEISHEIMER, Nilson. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 237-252.